



Os efeitos do *corpus* transverso no funcionamento do *Grindr*¹

The effects of the transverse corpus on the functioning of Grindr

Evandra Grigoletto²

Universidade Federal de Pernambuco

Thiago César da Costa Carneiro³

Universidade Federal de Pernambuco

♦ **RESUMO:** Nas atuais condições de produção, a *Internet* se constitui como uma forma de produção de discursividades em nossa formação social, com destaque para os aplicativos de relacionamento. A partir disso, objetivamos, com base na Análise de Discurso pecheuxtiana, analisar o funcionamento discursivo das telas do *Grindr*, de modo a compreender o que designamos de *corpus* transverso. Para as análises, recortamos sequências discursivas das telas iniciais do *Grindr* e da formulação do perfil do sujeito-usuário, mostrando que este último funciona como um *corpus* transverso, que sustenta, atravessa e controla os movimentos do sujeito-usuário no aplicativo.

♦ **PALAVRAS-CHAVE:** Análise do Discurso. *Grindr*. *Corpus* transverso. Sujeito-usuário.

♦ **ABSTRACT:** In the current conditions of production, the internet constitutes itself as a form of production of discursiveness in our social formation, with emphasis on relationship applications. From this, we aim, based on the Pecheuxtian Discourse Analysis, to analyze the discursive functioning of the *Grindr* screens, in order to understand what we call the transverse *corpus*. For the analyses, we cut discursive sequences from *Grindr's* initial screens and the user-subject's profile formulation, showing that the latter works as a transverse *corpus*, which supports, crosses and controls the user-subject's movements in the application.

♦ **KEYWORDS:** Discourse Analysis. *Grindr*. Transverse *corpus*. User-subject's.

Das condições de produção do/sobre o *Grindr*: palavras iniciais

Ao considerar o surgimento e a consequente expansão da *Internet*, não é um *laborioso trabalho*, nos termos de Courtine e Marandin ([1980] 2016), perceber que as suas ramificações têm tomado espaço nas vidas de todos os sujeitos que da *Internet* se utilizam. Nessas condições, a *Internet*, primeiramente utilizada em computadores - artefatos tecnológicos, a princípio, grandes e pesados -, surgiu, no século XX, dentre outros objetivos, como alternativa para a “resolução de problemas” por meio de uma

¹ O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

² Docente e pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPE. Líder do Núcleo Estudos em Práticas de Linguagem e Espaço Virtual (NEPLEV/CNPq). Bolsista Produtividade 2 do CNPq. *E-mail:* evandra.grigoletto@ufpe.br.

³ Doutorando e Mestre em Letras pela Universidade Federal de Pernambuco, membro do Núcleo Estudos em Práticas de Linguagem e Espaço Virtual (NEPLEV/CNPq) e do Grupo de Estudos do Texto (GESTO/CNPq). *E-mail:* thiago.costacarneiro@ufpe.br.

rede satélite capaz de interligar esses artefatos. Eis aí o efeito de evidência sobre o que é a *Internet*, a tão falada “rede mundial de computadores”.

Em função da prática científica - e por isso mesmo também política - que se apresentou, e ainda se apresenta, nas condições de produção do desenvolvimento científico-tecnológico, a noção-conceito de *Internet*, como apresentada no parágrafo anterior, se desloca, via efeito metafórico, para compreender artefatos tecnológicos para além do computador, como, por exemplo, em aparelhos móveis - *a priori*, *notebooks*, que mantêm estreita relação com os computadores de mesa (os *desktops*), mas, em seguida, aparelhos celulares (*smartphones*), *tablets*, dispositivos para reprodução de músicas e vídeos, entre outros ainda possíveis de existir. Em termos de evidência do sentido, é quase - por isso mesmo evidência - incontestável admitir a presença das tecnologias digitais em nossas vidas. Dado esse funcionamento material, admitimos, no escopo deste artigo, a afirmação de Pêcheux ([1975] 2014a):

Ao dizer que as condições da produção dos conhecimentos científicos estão inscritas nas condições da reprodução/transformação das relações de produção, não estamos fazendo mais do que explicitar a afirmação precedente. Especificamos: as condições dessa reprodução/transformação são, como já foi assinalado, ao mesmo tempo econômicas e não econômicas. Isso significa, para tomar o exemplo das ciências da natureza, que as condições de aparição destas últimas estão ligadas às novas formas de organização do processo de trabalho impostas pela instauração do modo de produção capitalista bem como às novas condições de reprodução da força de trabalho correspondente a essas formas de organização; essas condições de aparição estão ligadas, por isso mesmo, às ideologias práticas do modo de produção capitalista e à relação que essas ideologias mantêm com as dos modos de produção anteriores, e, através delas, com as ciências já “começadas” [...] (PÊCHEUX, [1975] 2014a, p. 172).

Partindo dessa citação, compreendemos, a título de posição teórico-político-analítica, que as condições que levaram ao desenvolvimento das redes - sobretudo das mídias sociais digitais⁴ - são condições ligadas à estrutura-funcionamento do capital nas formações sociais contemporâneas. Com isso, tomando o funcionamento de capilarização do capital nas diferentes práticas discursivas, assumimos que os desdobramentos das/nas redes é constituído por contradições que se impõem pelas relações de desigualdade-subordinação da simulação da evidência da ideologia.

Partindo dessa premissa, chegamos ao *Grindr* que, em tradução livre de seu nome, indica o *moer* do sujeito. De acordo com Bastos (2018), trata-se de um aplicativo de relacionamento homoerótico surgido em 2012, cujo objetivo de funcionamento é o de propiciar a interlocução de diferentes sujeitos a partir da geolocalização, isto é, nas telas do aplicativo, que serão mais à frente discutidas e analisadas, os perfis aparecem por uma ordenação do mais próximo ao mais distante, considerando a localização geográfica em que o sujeito se encontra. Nessa perspectiva, o *Grindr* que, na data em que escrevemos este artigo, conta com mais de 50 milhões de *downloads* na *PlayStore*, loja virtual do *Google*, aponta para uma evidência de funcionamento: o sujeito, ao se inscrever como usuário do aplicativo, teria uma tendência, supostamente natural, a conversar com sujeitos que estejam mais próximos a ele, de modo que a rapidez e o imediatismo das relações se apresentam como condição de inscrição do sujeito no/pelo aplicativo. O aplicativo, conforme discussão de Costa Carneiro (2023), formula-se

⁴ Entendemos, no escopo deste artigo, que as mídias sociais digitais são artefatos tecnológicos que têm como um de seus traços ser também uma rede de relacionamento, o que remete ao social. O *Grindr*, objeto de análise deste artigo, seria, portanto, um exemplo dessas mídias.

enquanto um espaço em que se busca, essencialmente, mesmo que haja outros objetivos, a prática sexual entre sujeitos.

Considerando essas condições de produção, propomo-nos, neste artigo, a analisar, tendo como fundamento o dispositivo teórico-metodológico da Análise do Discurso materialista de base pecheuxtiana, num primeiro movimento de análise, o funcionamento discursivo das telas principais pelas quais o *sujeito-usuário* (COSTA CARNEIRO, 2023) acessa o *Grindr*. Num segundo movimento analítico, a partir do seu registro no aplicativo, buscamos compreender se a formulação do perfil do sujeito-usuário funciona como o que temos chamado de *corpus* transversal, sustentando um discurso da liberdade do sujeito propiciada pela espessura material da tecnologia. Partindo desses objetivos, buscamos lançar luz, durante as análises, à seguinte questão: O acesso do sujeito-usuário ao *Grindr* é sustentado por um *corpus* transversal? Se sim, como funciona esse *corpus*?

Na seção seguinte, discutimos teoricamente as noções-conceito de arquivo, *corpus* e sequência discursiva, em vista de, nas seções posteriores, articulá-las ao gesto de interpretação que promovemos sobre o *Grindr*.

Do arquivo à sequência discursiva: um gesto de leitura das telas iniciais do aplicativo

Na Análise do Discurso materialista, com fundação em Michel Pêcheux, teoria em que este trabalho se apoia, observamos, com certa regularidade, menções a noções teóricas como *arquivo*, *corpus*, *sequência discursiva*. No campo discursivo-materialista, então, entendemos que, apesar de serem noções que se aproximam teoricamente, no trabalho da análise, em que há o batimento da descrição com a interpretação (PÊCHEUX, [1983] 2015a), essas se apresentam de formas distintas. Tendo isso em vista, nesta seção, debruçamo-nos sobre as noções apresentadas neste parágrafo, a fim de discuti-las em um gesto analítico que desenvolvemos ao final da seção.

Em texto originalmente publicado em 1982, Pêcheux ([1982] 2014b) discute, entre outras questões, sobre os processos de leitura dos arquivos, primeiramente entre os literatos e os cientistas. Nesse texto, o autor propõe-nos uma explicação acerca do *arquivo*. Para Pêcheux ([1982] 2014b, p. 59), o arquivo deve ser “[...] entendido no sentido amplo de “campo de documentos pertinentes e disponíveis sobre uma questão” [...]”. Essa primeira noção de arquivo, que é basilar para as demais observações sobre o conceito, nos sugere que, ao trabalhar com arquivo(s), estamos diante de uma heterogeneidade no que diz respeito ao seu modo de constituição, uma vez que

[...] não considerar os procedimentos de interrogação do arquivo como um instrumento neutro e independente (um aperfeiçoamento das técnicas documentais) é se iludir sobre o efeito político e cultural que não se pode deixar de resultar de uma expansão da influência das *linguas lógicas de referentes unívocos*, inscritos em novas práticas intelectuais de massa (PÊCHEUX, [1982] 2014b, p. 63, grifos do autor).

Partindo, então, desse pressuposto, o arquivo não seria constituído por uma suposta linearidade e objetividade, ainda que sejam esses efeitos possíveis sobre o trabalho com arquivo, mas sim de uma dispersão que lhe é própria. Nessa direção, na obra *Discurso e arquivo*, Guilhaumou, Maldidier e Robin ([1994] 2016) assinalam que

[...] o arquivo não é o reflexo passivo de uma realidade institucional; ele é, em suas próprias materialidade e diversidade, organizado por seu campo social. O arquivo não é um simples documento do qual são retirados os referentes; ele permite uma leitura que revela dispositivos, configurações significantes (GUILHAUMOU; MALDIDIER; ROBIN, [1994] 2016, p. 116).

Desse modo, compreendemos, a título de constituição do dispositivo teórico discursivo, que o arquivo se constitui pela sua relação com a historicidade e os efeitos que dela derivam. A isso, acrescentamos o fato de que, nas atuais condições de produção, o digital tem constituído quase que inegavelmente as relações de/entre sujeitos, o que nos leva a considerar que, de acordo Romão (2011), o trabalho com os arquivos do digital nos conduz, ocupando a posição de analistas, a desconfiar da obviedade que a tecnologia apresenta, como se funcionasse por si mesma, de forma independente. “[...] o que está na rede (*sites, blogs, portais* etc.), bem como o aparato que “faz rodar” a rede (máquinas, programas, sistemas etc.) estão concentrados nas mãos de grupos financeiros que controlam os arquivos e o Arquivo⁵ [...]” (ROMÃO, 2011, p. 144).

Na mesma direção, a partir de Grigoletto (2017, p. 151), ao assinalar que “[...] o político-ideológico sobredetermina o tecnológico, nesse caso, sendo a instância econômica determinante desse controle.”, compreendemos o modo como se dá o entrelaçamento do arquivo com as condições de reprodução-transformação das relações de produção, intermediadas e atravessadas pelo funcionamento da ideologia. Nesse sentido, ao trabalharmos com os arquivos, é necessário que façamos aquilo que Pêcheux ([1980] 2016, p. 25, grifo do autor) chamou da leitura-trituração: “Recortar, extrair, deslocar, reaproximar: é nessas operações que se constitui esse dispositivo muito particular de leitura que se poderia designar como *leitura-trituração*.”

Afunilando a nossa discussão, chegamos à noção de *corpus*. Ao considerarmos a reflexão que Léon e Pêcheux ([1982] 2015) fazem em seu texto, observamos que:

[...] um corpus é um sistema estratificado, disjunto, laminado, internamente contraditório, e não um reservatório homogêneo de informações ou uma justaposição de homogeneidades contrastadas. Em suma, um corpus de arquivo textual não é um banco de dados (LÉON; PÊCHEUX, [1982] 2015, p. 165).

Com essa formulação sobre a noção de *corpus*, entendemos, de antemão, que, assim como o arquivo é constituído pela heterogeneidade, pela dispersão, o *corpus*, em sua materialidade simbólica, também o é. Nesse sentido, a nossa leitura parte para o entendimento de que o *corpus* compõe o arquivo, mas não o é em par de igualdade. Expliquemo-nos: em sua dimensão histórica e material, o *corpus* é parte de um todo-incompleto, que representa um recorte do arquivo, cuja segmentação é fruto do dispositivo teórico proposto pelo(a) analista.

Ainda observando a formulação da citação, destacamos o que os autores chamam de *corpus de arquivo textual*. Em sua tese de doutorado, intitulada *Análise do discurso político: o discurso comunista endereçado aos cristãos*, Courtine ([1981] 2014), sob a orientação de Pêcheux, propõe, entre outras noções, a discussão sobre o *corpus*. Para o autor, filiado a uma perspectiva materialista de análise discursiva, haveria, naquele momento, dois modos de compreender a noção de *corpus*: o *corpus* de arquivo e o *corpus* experimental. Eis a diferença de cada um: o *corpus* de arquivo,

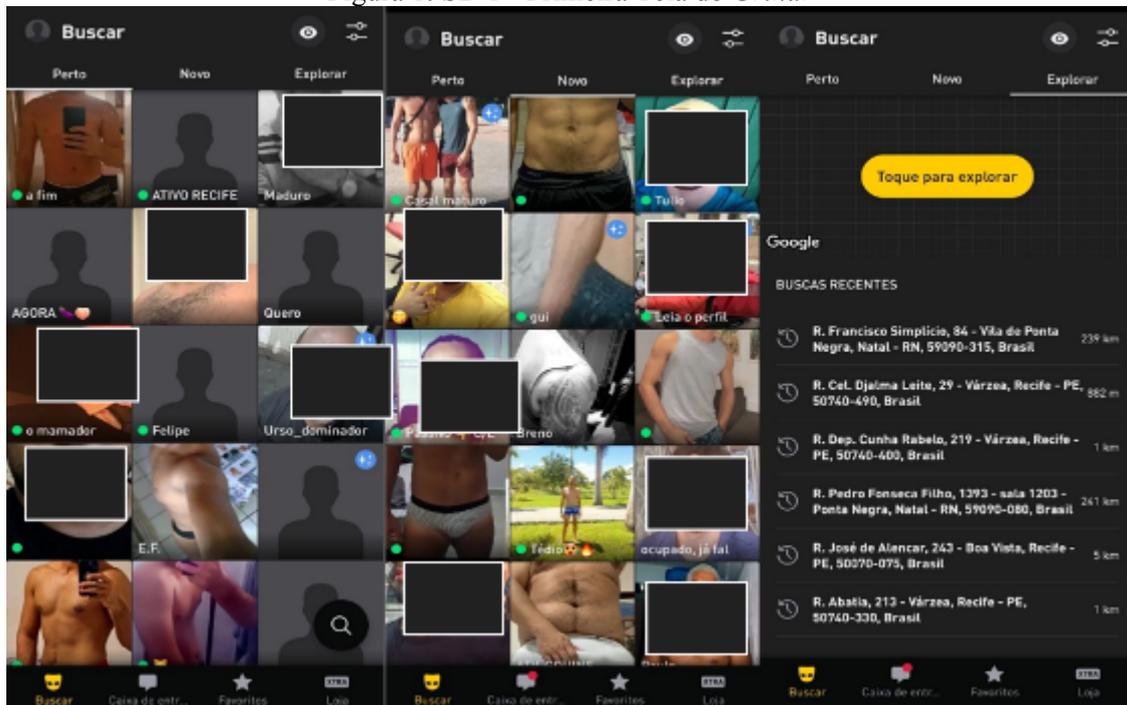
⁵ A autora aproxima a *Internet* a um grande Arquivo, que ela grifa com A maiúsculo, para diferenciá-lo dos diferentes arquivos eletrônicos armazenados na rede. O Arquivo é, nas palavras da autora, a “[...] instância inacessível e inacessível derivada da soma de todos os arquivos eletrônicos dis-postos na rede digital”. (ROMÃO, 2011, p. 144)

seguindo o que Courtine ([1981]2014) nos propõe, trata-se de um *corpus* “previamente existente”, sob os quais os historiadores, e aqui aludimos a Pêcheux ([1982]2014b) em *Ler o arquivo hoje*, se debruçariam em suas leituras. Isto é, o *corpus* de arquivo refere-se a um *corpus* já “arquivado”, como feito em parte das pesquisas em Análise do Discurso.

Por outro lado, Courtine ([1981]2014) aponta, também, para a existência do *corpus* experimental, referindo-se à “criação” do *corpus* em uma situação experimental, produzindo um paralelo com as situações laboratoriais nas Ciências da Natureza, por exemplo. Ainda que não seja comum em AD o tratamento experimental, observamos, em Pêcheux ([1978] 2015b), uma menção a esse tratamento, a partir das análises do Relatório *Mansholt*. Nesse texto, Pêcheux ([1978] 2015b) trabalha com um *corpus* de arquivo, submetido a uma situação experimental de leitura, em que os sujeitos-leitores não tinham conhecimento da autoria do texto. Em acréscimo, recorrendo a Courtine (2016), trazemos à baila outras duas noções referentes ao conceito de *corpus*: *corpus* empírico e *corpus* discursivo. Conforme Courtine (2016, p. 20), o *corpus* discursivo refere-se a um “[...] conjunto de sequências discursivas dominadas por um determinado estado, suficientemente homogêneo e estável, das condições de produção do discurso.”, sendo, então, o *corpus* sobre o qual o(a) analista produz o gesto de interpretação, mobilizando, para tal, os dispositivos teórico e analítico. Quanto ao *corpus* empírico, entendemo-lo como sendo “anterior” ao discursivo, de modo que se produziria uma cadeia de recortes. Do arquivo, produz-se um recorte e chega-se ao *corpus* empírico; do *corpus* empírico, considerando os dispositivos teórico e analítico, chega-se ao *corpus* discursivo, o qual, em outro processo de segmentação, permite a observação das sequências discursivas, isto é, as formulações languageiras que o(a) analista perseguirá na análise discursiva. Segundo Courtine ([1981] 2014, p. 55), as sequências discursivas são “sequências orais ou escritas de dimensão superior à frase”, sendo a “natureza e a forma dos materiais recolhidos” muito variáveis. Podemos acrescentar que, nas condições de produção atuais, essas sequências podem ser formadas também de imagens, ou uma combinação de linguagem verbal e não-verbal, como é o caso das sequências deste artigo.

Considerando o nosso objeto de pesquisa, o aplicativo de relacionamento *Grindr*, entendemos que o arquivo, nesse caso, dada a extensão de *documentos pertinentes e disponíveis sobre a questão*, é formado, entre outras coisas, por outros aplicativos de relacionamento, matérias jornalísticas sobre o(s) aplicativo(s), depoimentos/avaliações dos usuários desses aplicativos etc. Desse arquivo, extraímos um *corpus* que está relacionado ao funcionamento do *Grindr* especificamente. E, a partir de um primeiro *gesto de leitura* que fizemos desse *corpus*, recortamos, tendo em vista os objetivos anteriormente apresentados, cinco sequências discursivas (doravante SDs), extraídas de *prints* das telas iniciais do aplicativo.

Abaixo, apresentamos a primeira tela de navegação do sujeito-usuário no/pelo *Grindr*.

Figura 1: SD 1 - Primeira Tela do *Grindr*

Fonte: Coletado pelos autores no *Grindr* (2023)⁶

Na figura acima, em que apresentamos a primeira tela de navegação do *Grindr*, observamos, a título de evidência, três divisões da Aba “Buscar”, quais sejam: Perto, Novo e Explorar. Cada uma dessas telas é regida por um princípio base do aplicativo, a geolocalização. Na tela “Perto”, o aplicativo sugere ao sujeito-usuário do *Grindr* 99 perfis com os quais pode conversar, ordenados do perfil geograficamente mais próximo ao perfil mais distante. Na tela “Novo”, o aplicativo, em sua programação, sugere 50 perfis seguindo o mesmo princípio. Por último, na tela “Explorar”, o aplicativo permite que o sujeito-usuário, em sua busca no aplicativo, encontre até 600 perfis de outros sujeitos em qualquer localidade do mundo em que o aplicativo seja atuante. Todavia, essa busca do sujeito é limitada pelas possibilidades de compra de pacotes no aplicativo⁷.

Em função desse funcionamento do aplicativo, o sujeito-usuário, isto é, aquele que é uma projeção criada na/pela programação da máquina, um sujeito possível dentro das mídias sociais digitais, como aponta Costa Carneiro (2023), é inserido numa rede de evidências que o leva a acreditar que, por meio do aplicativo, tudo pode. De acordo com Costa Carneiro,

⁶ Apesar de o *Grindr* ser uma mídia social digital, em função da sua programação, não é possível que colemos os links de cada sequência analisada neste trabalho, visto que o aplicativo não gera este tipo de informação.

⁷ Explicamos melhor este ponto nas análises das SDs 4 e 5.

O sujeito-usuário [...] trata-se de uma categoria própria do espaço virtual, como o teoriza Grigoletto (2011), para quem o espaço virtual está no entremeio do espaço empírico e do espaço discursivo, teorização proposta, também, na tese da autora (GRIGOLETTO, 2005b). Portanto, sendo este espaço um espaço intermediário, caracterizado por ambos os espaços, o sujeito-usuário estaria materializado no entremeio dessas contradições, especialmente no que diz respeito ao entremeio do sujeito empírico e do sujeito do discurso. Assim, o sujeito empírico estaria para o espaço empírico, assim como o sujeito do discurso estaria para o espaço discursivo e o sujeito-usuário estaria para o espaço virtual. Atravessado, então, por esses três espaços, pela forma da contradição, jogando com a dispersão e o controle, o sujeito-usuário seria uma posição entre esses significantes, não sendo o sujeito-empírico tampouco o sujeito do discurso, fazendo, funcionar, desse modo, as formações imaginárias acerca do que seria o sujeito que poderia se utilizar do aplicativo (COSTA CARNEIRO, 2023, p. 163).

Esse efeito de evidência do/no aplicativo alude para o que Grigoletto (2017) chamou de funcionamento perverso da ideologia, uma vez que o sujeito acreditaria em sua liberdade. Nesse sentido, ao se inscrever como sujeito-usuário, o sujeito do discurso acredita no efeito de evidência que lhe é fornecido-imposto pela ideologia de que a busca por outros perfis é somente mediada pela tecnologia e não atravessada pelo ideológico. Esse efeito se sustenta, na nossa leitura, em função dessa divisão que é proposta pelo aplicativo. A título de exemplo, na versão gratuita do *Tinder*, o aplicativo apenas sugere os perfis um a um, sem que o critério da geolocalização seja priorizado, ou seja, apesar de, nas configurações do *Tinder*, o sujeito poder escolher quantos quilômetros de distância o aplicativo deverá buscar, não se tem uma observação mais ampla de quais são os perfis que estão no raio indicado. Nessa perspectiva, o *Grindr*, em comparação com o *Tinder*, supostamente seria mais transparente, já que as suas telas ajudariam o sujeito na observação dos perfis.

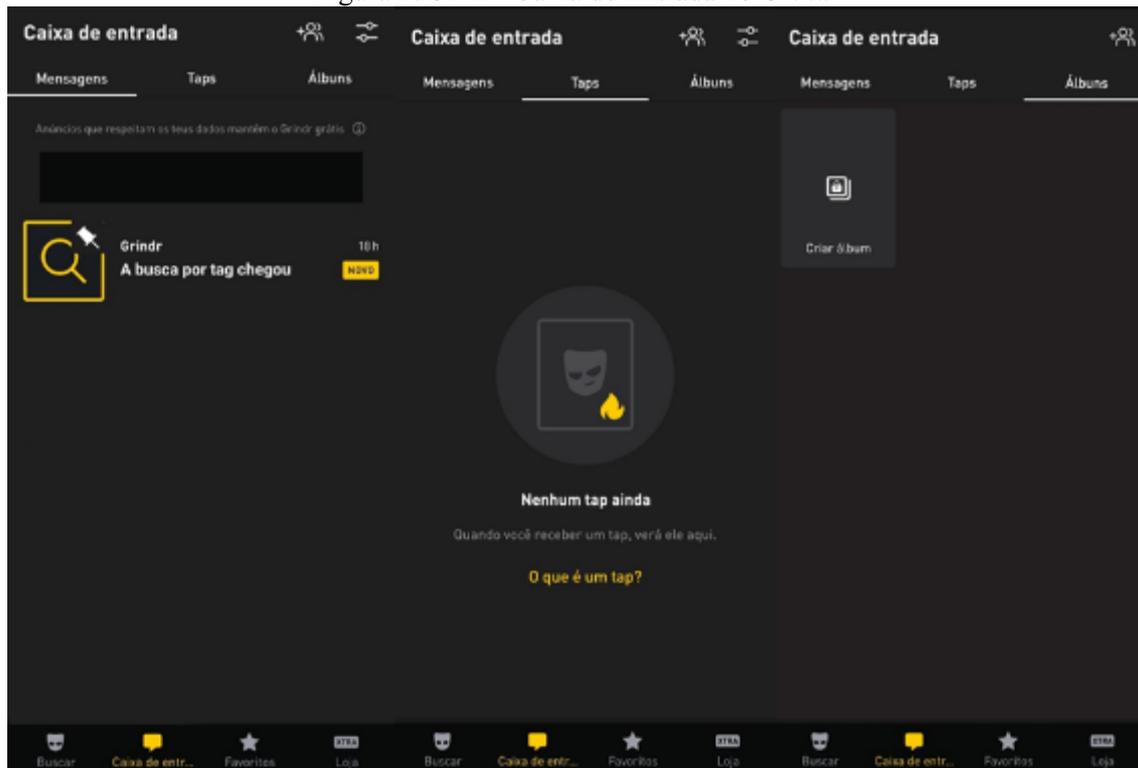
Na figura em análise, observamos a presença de alguns perfis que representam um recorte de leitura possível dentro do aplicativo. Nesse sentido, os perfis que, pela geolocalização no momento da pesquisa, aparecem em nossa inserção no *Grindr* discursivizam corpos que se enredam a esse funcionamento. Considerando a leitura de Costa Carneiro (2023) sobre o discurso da mercantilização do corpo masculino no *Grindr*, o autor pontua que, no caso do seu *corpus*, os sujeitos que se identificam com esses sentidos, em termos de regularidade, se inscrevem e inscrevem seus corpos no aplicativo de modo que seus rostos ficam elididos. A esse movimento do sujeito no *Grindr*, Costa Carneiro (2023) chamou de *efeito metonímico* da formulação visual do corpo, em que os corpos significam, nas discursividades, por sua fração, por uma parte que simboliza uma parte-todo. Assim, o corpo do sujeito no *Grindr* funciona como um corpo metonímico, fracionário, dividido entre o que pode e o que não pode aparecer no *feed* do aplicativo.

Observando o funcionamento dessa noção na SD em análise, destacamos que parte dos perfis segue esse funcionamento: corpos que aparecem a partir do pescoço, salientando o tórax e o abdômen. Essa inscrição do corpo no *Grindr* formula-se como uma contradição, textualizada na seguinte questão:

[...] se a liberdade, em uma sociedade neoliberal, é um princípio, por que se deseja esconder? Essa observação a respeito do apagamento dos rostos, apesar de ser uma regularidade no *corpus* em análise, estende-se também aos sujeitos que não se identificam com os sentidos da prostituição, sendo, no aplicativo, um efeito de regularidade na constituição dos perfis (COSTA CARNEIRO, 2023, p. 25).

Desse modo, é regular, na análise do aplicativo, que a identidade do sujeito, aquilo que aponta para a sua particularidade e individualidade, seja apagada, colocada em segundo plano, mesmo que, na Figura 1, possamos identificar perfis que inserem fotos do rosto, ou o façam parcialmente⁸. Destacamos que esse efeito também se alinha ao fato de que, além desses perfis com fotografia(s), há outros que sequer inserem-na, o que se produz como um outro efeito de sentido sobre o funcionamento do *Grindr*. Esse funcionamento, no entanto, que diz da relação do sujeito-usuário com o aplicativo, sinaliza para a necessidade da compreensão de que há algo além dos/nos perfis tais como aparecem no *feed* do *Grindr*⁹.

Figura 2: SD 2 - Caixa de Entrada no *Grindr*



Fonte: Coletado pelos autores no *Grindr* (2023).

Na segunda SD que analisamos, há uma aba do aplicativo também dividida em três telas. Na Caixa de Entrada, ficam reunidas as interações e interlocuções de/entre sujeitos. De acordo com Grigoletto (2011), a interação constitui-se como um modo de relação do sujeito com a máquina e as suas funcionalidades técnicas, como clicar/abrir um aplicativo, as quais já estão/são pré-programadas. Já, a interlocução refere-se ao modo como os sujeitos, através do funcionamento da máquina, deslocam os sentidos e se subjetivam. Tendo isso em vista, observamos esses funcionamentos nessa Aba. Expliquemo-nos: por meio do aplicativo, há duas possibilidades de se estabelecer uma relação de conversa/interação, as mensagens privadas e os *taps*. As mensagens privadas formulam-se de maneira similar às mensagens privadas em outras mídias sociais digitais, como o *direct* no *Instagram* e no *Twitter*, por meio dos quais os sujeitos podem

⁸ Apesar de fazermos essa afirmação, ao olhar para a Figura, o(a) leitor(a) perceberá que alguns perfis estão cobertos. Tomamos essa decisão metodológico-analítica para preservar a identidade dos sujeitos que se utilizam do aplicativo.

⁹ Na próxima seção do artigo, produzimos um gesto analítico sobre os modos de formulação do perfil do sujeito-usuário no *Grindr*.

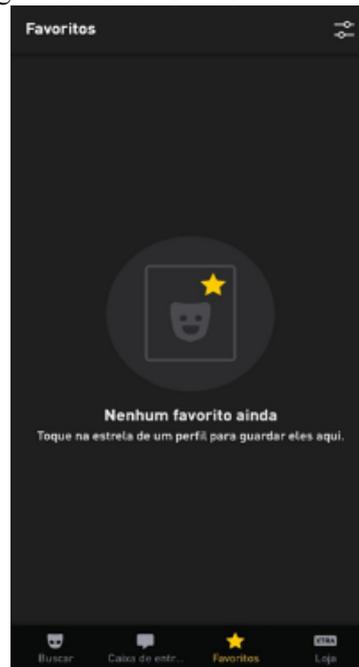
trocar mensagens que não fiquem públicas e desenvolver, no caso do *Grindr*, uma interlocução que os leve a ter uma relação sexual para além do aplicativo.

Por outro lado, os *taps* são formas de interação do sujeito com a máquina, de modo que, ao selecionar uma das opções de *tap* (, e), o sujeito a quem se envia o *tap* é notificado, podendo, a partir disso, enviar um *tap* de volta (de maneira parecida ao que era o “cutucar” no *Facebook*), iniciar uma conversa privada ou, até mesmo, bloquear. Dessa forma, entendemos que o *tap*, em seu funcionamento discursivo, constitui-se contraditoriamente entre a interação e a interlocução, uma vez que, ao produzir um gesto técnico, o sujeito interagiria com o aplicativo, mas também, por meio do mesmo gesto de interação, se colocaria na interlocução com o(s) outro(s) sujeito(s), mobilizando as formações imaginárias sobre a (não-)resposta que obtiver do sujeito com quem busca a interlocução.

Por último, tem-se a tela *Álbuns*, em que o sujeito-usuário, caso deseje, pode criar álbuns fotográficos com fotografias diversas e à sua escolha para que, ao estar em uma conversa privada com outro sujeito, possa enviar esse álbum. O funcionamento do *Álbum* no *Grindr* nos sugere um efeito particular: de acordo com as diretrizes do aplicativo, é proibido que, nos perfis, ou seja, nas informações que ficam disponíveis para qualquer sujeito, haja fotos que contenham nudez, o que pode, inclusive, ter como consequência o banimento do perfil no aplicativo. Entretanto, nos *Álbuns*, caso o sujeito queira, ele pode inserir fotos desta natureza, uma vez que só se teria acesso a essas fotos caso ele autorizasse a visualização a outro sujeito, como já o era feito com o envio de fotos nos *chats* privados.

Na terceira tela do *Grindr*, o sujeito-usuário, por intermédio de sua relação com a máquina, com o aplicativo, elege perfis como “favoritos”. Marcar um perfil como favorito, nessas condições de produção, faz com que o(s) perfil(is) selecionado(s) fiquem em outra tela, de modo que, mesmo que esteja fora do alcance da geolocalização, o(s) perfil(is) apareça(m) e fique(m) disponível(is) ao sujeito. Ao realizar esse gesto no aplicativo, o sujeito é atravessado por um efeito que é comum às mídias sociais digitais: o efeito de poder controlar as suas ações e movimento na rede.

Figura 3: SD 3 - Favoritos no *Grindr*



Fonte: Coletado pelos autores no *Grindr* (2023)

Desse modo, *favoritando* um ou mais perfis, o sujeito separa esse(s) perfil(is) dos demais que compõem o aplicativo, ou seja, ao favoritar, o perfil passa a ocupar uma outra tela no aplicativo, sugerindo um efeito de um espaço “mais privado”, que obedeceria supostamente aos desejos pré-conscientes/conscientes do sujeito. Assim, a tecnologia, por meio da programação do aplicativo, oferece ao sujeito-usuário a evidência de controle, pela qual o sujeito se subjetiva e toma posição, posição que se alia, em muitos casos, a uma inscrição no capital.

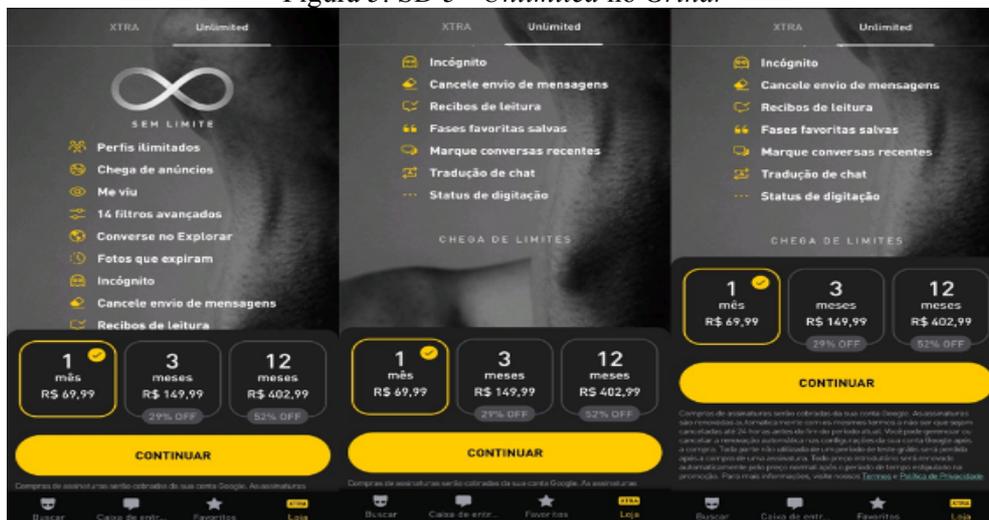
Nas duas sequências discursivas que seguem, apresentamos as duas últimas telas da visão inicial do *Grindr*, a aba Loja.



Fonte: Coletado pelos autores no *Grindr* (2023)

Nesta aba, observamos a possibilidade de, por meio do aplicativo, o sujeito-usuário realizar compras das versões *premium*, *XTRA* e *Unlimited* do aplicativo.

Figura 5: SD 5 - Unlimited no Grindr



Fonte: Coletado pelos autores no *Grindr* (2023)

Nessas versões do *Grindr*, o sujeito-usuário, ao assinar algum dos pacotes, adquire novas funcionalidades, como aumento do número de perfis nas telas iniciais, a ausência de anúncios, cancelar envio de mensagens, entre outras descritas nas SDs acima. Apesar de haver uma aba destinada exclusivamente à compra no/pelo aplicativo, a assinatura de versões pagas, com períodos de tempo determinados pelo aplicativo, comparece em outros percursos de uso no aplicativo. A título de exemplo, quando se

chega ao final das telas da aba Buscar (Novo, Perto e Explorar), o aplicativo já apresenta a publicidade interna para assinar os pacotes, indicando quais são os benefícios da aderência.

No Explorar, todavia, esse funcionamento é ainda mais incisivo: ao procurar qualquer localidade no Explorar, o aplicativo, conforme descrevemos acima, apresenta 600 perfis. Desses, o aplicativo é programado para permitir que o sujeito-usuário inicie conversas apenas com três perfis. Ou seja, caso o sujeito-usuário realize uma nova pesquisa após ter iniciado a conversa com os três perfis permitidos, o aplicativo indicará que, para dar início às conversas, é necessário assinar alguma das versões pagas do *Grindr*. Percebemos, nessa direção, que o aplicativo, gratuito para *download* nas lojas virtuais de diferentes sistemas operacionais (como *Android* ou *iOs*), sugere um funcionamento associado à captação financeira, isto é, busca aliciar o sujeito a ter uma melhor experiência de usuário com o *Grindr*, por meio da assinatura de versões pagas, sobretudo a versão *Unlimited*, que anularia a presença de propagandas externas. A esse respeito, é importante destacar que, na versão gratuita e na versão *XTRA*, o sujeito-usuário recebe periodicamente propagandas nas telas do aplicativo que só são possíveis de serem fechadas após um período de tempo (que pode variar de 5 a 30 segundos).

Entendemos, no bojo deste trabalho, que essas propagandas, na versão gratuita e na *XTRA*, contribuem para que o *Grindr* continue a receber investimento capital, já que o tempo de visualização e o acesso a essas propagandas impulsionam o funcionamento do algoritmo para a percepção financeira das grandes empresas que regem esses tipos de aplicativos. Em termos de funcionamento discursivo, o aplicativo, meio de estruturação e estruturante do capital, se enlaça a uma prática do capitalismo que busca fazer com que os sujeitos adiram às suas práticas, de modo que a publicidade do e no *Grindr* sejam modos de fazer o capital circular e produzir outros modos de dominação.

Entre o *corpus* transverso e discursivo: a formulação do perfil do sujeito-usuário

Após nosso primeiro movimento de análise, no item anterior, no qual nos debruçamos sobre o funcionamento discursivo das telas iniciais do aplicativo *Grindr*, vamos observar aqui como pode operar, em termos metodológico-analíticos, o que pretendemos designar de *corpus* transverso. Kramer Wanderley (2020), em sua tese de doutorado, antes de produzir as análises das sequências discursivas do *corpus* discursivo que analisa, propõe a análise de outras sequências discursivas, às quais atribuiu a expressão sequências discursivas do *corpus* auxiliar. Seguindo os trajetos teóricos propostos na tese, observamos que a autora relaciona o *corpus* auxiliar a outras materialidades discursivas que coocorrem em relação ao *corpus* principal da pesquisa, compartilhando da mesma temática ou de temáticas similares. Costa Carneiro (2023, p. 19), que trabalhou também com essa noção, afirma: “Enquanto *corpus* auxiliar, entendo, conforme Kramer Wanderley (2020), que se trata de um *corpus* relacionado ao *corpus* principal da pesquisa, que dá um efeito de sustentação a este *corpus*.”

Com essa formulação, fazemos uma remissão a Pêcheux ([1975] 2014a) quando o autor fala sobre a noção de discurso transverso:

[...] o funcionamento do “discurso transverso” remete àquilo que, classicamente, é designado por *metonímia*, enquanto relação da parte com o todo, da causa com o efeito, do sintoma com o que ele designa etc.

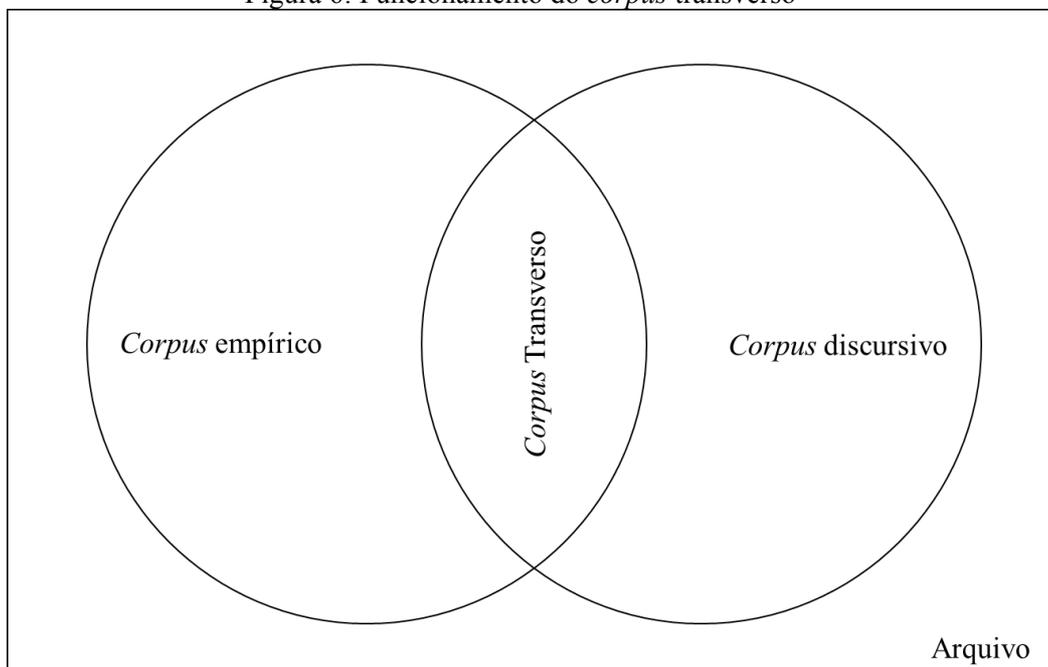
Vemos, ao mesmo tempo, que o que chamamos anteriormente “articulação” (ou “processo de sustentação”) está em relação direta com o que acabamos de caracterizar sob o nome de *discurso-transverso*, uma vez que se pode dizer que a articulação (o efeito de incidência “explicativa” que a ele corresponde) provém da linearização (ou sintagmatização) do discurso-transverso no eixo do que designaremos pela expressão *intradiscurso*, isto é, o funcionamento do discurso com relação a si mesmo (o que eu digo agora, com relação ao que eu disse *antes* e ao que direi *depois*; portanto, o conjunto de fenômenos de “correferência” que garantem aquilo que se pode chamar o “fio do discurso”, enquanto o discurso de um sujeito (PÊCHEUX, [1975] 2014a, p. 153, grifos do autor).

Podemos, então, numa relação de aproximação com o que Pêcheux entende por discurso transverso, e considerando as discussões trazidas acima sobre *corpus* auxiliar, falar num *corpus* transverso?¹⁰

Entendemos que sim, já que, assim como o discurso transverso, o *corpus* transverso estaria ligado à dimensão interdiscursiva de um determinado *corpus*, que sempre é o recorte de um arquivo mais amplo, atravessando e colocando em conexão “[...] elementos discursivos constituídos pelo *interdiscurso* [...]” (PÊCHEUX, [1975] 2014a, p. 154, grifo do autor). Por isso, entendemos que o *corpus* transverso funciona dando sustentação, atravessando o *corpus* discursivo.

Conforme buscamos representar na figura abaixo, entendemos que o *corpus* transverso estaria no entremeio dos *corpora* empírico e discursivo, fazendo trabalhar as contradições da parte com o todo, enlaçando o que é da ordem da constituição e da formulação do *corpus* discursivo.

Figura 6: Funcionamento do *corpus* transverso

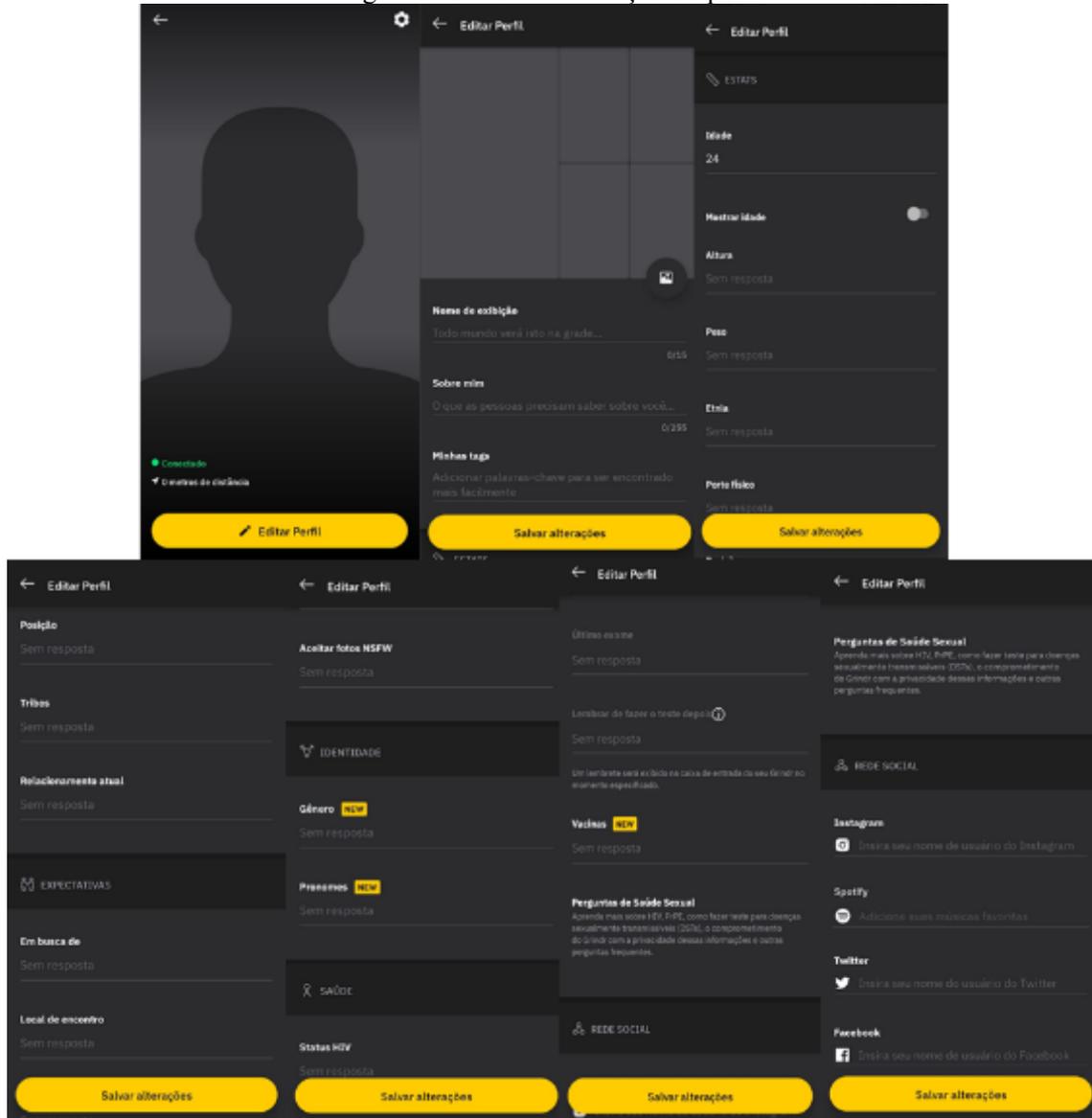


Fonte: Os autores (2023)

¹⁰ Agradecemos à provocação feita pela colega Luciana Vinhas, na arguição da dissertação de mestrado de Thiago César da Costa Carneiro, intitulada *Vender-se(r) no Grindr: efeitos da inscrição do sujeito no discurso da mercantilização do corpo masculino*, que nos convocou a pensar nessa noção de *corpus* transverso.

Considerando a discussão que acabamos de realizar sobre a noção de *corpus* transverso, e buscando observar esse funcionamento numa sequência discursiva, apresentamos a figura abaixo, a qual entendemos que se produz enquanto *corpus* transverso para as análises das SDs realizadas na seção anterior. Vejamos.

Figura 7: SD 6 - Formulação do perfil



Fonte: Coletado pelos autores no *Grindr* (2023)

No *Grindr*, conforme apresentado na seção anterior, evidenciam-se quatro telas pelas quais o sujeito-usuário pode se mover, interagir e produzir interlocução com outros sujeitos. Nessa perspectiva, funcionando como uma mídia social digital, atravessado pela estrutura-funcionamento da ideologia, o *Grindr*, para além de suas abas e telas iniciais, cuja análise fizemos mais acima e que lemos em Costa Carneiro (2023) de forma mais detalhada, possui outros funcionamentos que lhe constituem.

Desse modo, em sua constituição, o *Grindr* permite que o sujeito-usuário, ao se registrar no aplicativo, possa formular o seu perfil. Antes de aprofundarmos a nossa discussão, é importante distinguirmos o que chamamos de formulação e constituição. Orlandi ([1988] 2012), na obra *Discurso e leitura*, relaciona a constituição do discurso

ao eixo interdiscursivo e a formulação do discurso ao eixo intradiscursivo. Assim, ao falarmos em formulação dos perfis, buscamos compreender o modo como o sujeito, interpelado pela ideologia (PÊCHEUX, [1975] 2014a) retoma, no fio do discurso, o intradiscorso, saberes com os quais se identifica. Isto é, ao formular o seu perfil, o sujeito-usuário partiria da identificação com os sentidos da formação discursiva em que se inscreve para, em seguida, linearizar esses saberes como se fossem da ordem do já-dado, da evidência de que o seu perfil só poderia ser construído do modo como ele “quis” e não de outro.

Tendo isso em vista, observamos aqui, parafraseando Pêcheux ([1982] 2014b), um modo de clivagem subterrânea nos percursos de leitura do aplicativo, já que o aplicativo se constitui além das evidências de leitura que a tela inicial sugere ao sujeito-usuário. Nesse sentido, para *formular* o seu perfil, o sujeito-usuário pode, à medida que se individua(liza) (ORLANDI, [2002] 2013) no/pelo aplicativo, “selecionar” quais categorias gostaria ou não de preencher. No que diz respeito ao verbo “selecionar”, que destacamos anteriormente, fazemos aqui uma relação ao que Pêcheux ([1975] 2014a) discute sobre o esquecimento nº 2:

Concordamos em chamar de *esquecimento nº 2* ao “esquecimento” pelo qual todo sujeito-falante “seleciona” no interior da formação discursiva que o domina, isto é, no sistema de enunciados, formas e sequências que nela se encontram em relação de paráfrase - *um enunciado, forma ou sequência, e não outro, que, no entanto, está no campo daquilo que poderia reformulá-lo na formação discursiva considerada* (PÊCHEUX, [1975] 2014a, p. 161, grifos do autor).

Portanto, podendo *selecionar* aquilo que julga interessante em sua formulação do perfil, como nas categorias de preenchimento de perfil na Figura 7, como peso, altura, posição (sexual), etnia, porte físico etc., o sujeito-usuário põe em circulação no/pelo aplicativo o seu perfil, que, pelos mecanismos de geolocalização e conexão com a *Internet*, aparece na lista de perfis possíveis. Na pesquisa de Costa Carneiro (2023), o autor destaca que é comum, nas práticas discursivas do/no *Grindr*, que os perfis sejam formulados, especialmente, com o uso de fotografias pessoais, porém, nessas fotografias, não é comum que os rostos dos sujeitos apareçam, visto que os seus corpos, excetuando o rosto, são a regularidade em termos de fotografia no *Grindr*. Com isso, observando o que foi analisado na seção anterior, propomos considerar que a Figura 7, analisada neste trabalho, funciona como o que designamos de *corpus* transverso, um *corpus* que atravessa o arquivo de pesquisa, mas que não representa a discursividade em análise no trabalho, em nosso caso, o discurso de funcionamento do *Grindr*. Esse *corpus* apesar de não ser o *corpus* discursivo, dá a esse um efeito de sustentação, trabalhando as contradições entre o todo e a parte. Como já dissemos antes: para que o aplicativo, em sua espessura material, funcione em suas abas e telas, é preciso que, antes disso (e aqui não tratamos de cronologia, mas de efeito discursivo), o perfil seja formulado na evidência da interpelação em que o sujeito se inscreve. Dessa maneira, a sequência em análise sustenta o funcionamento discursivo que analisamos na seção precedente, de modo que a divisão social no trabalho da leitura do arquivo se apresenta nos modos de ler as clivagens subterrâneas do *corpus* em análise, produzindo como efeito a opacidade e a contradição. Portanto, o não linear, o equívoco, o deslizamento se mostram na prática analítica, sendo o *corpus* transverso responsável por sustentar e controlar os movimentos do sujeito-usuário no aplicativo.

Por fim, uma tentativa de desatar os percursos analíticos

Ao propormos este artigo, inscrito no paradigma teórico-metodológico-analítico-político da Análise do Discurso pecheuxiana, objetivamos produzir um movimento de leitura sobre a mídia social digital *Grindr*, um aplicativo de relacionamento homoerótico. Com isso em tela, partimos, na dimensão analítica do trabalho, para a análise das principais telas do *Grindr*, como descrita na segunda seção. Desse modo, mobilizado o dispositivo teórico-metodológico, compreendemos que o movimento do sujeito-usuário no *Grindr*, que é pré-determinado pela programação do aplicativo, dá ao sujeito uma ilusão de poder controlar os percursos/gestos que produz dentro do aplicativo.

Esse efeito, ilusório em sua constituição, explica-se pelo funcionamento da ideologia, o qual produz efeitos no interior das mídias sociais digitais, deslocando alguns sentidos e estabilizando outros. Nessa perspectiva, entendemos, a partir do nosso *corpus* discursivo, que o *Grindr* opera sobre a inscrição do sujeito, conduzindo-o a um efeito de liberdade em que o sujeito poderia se individualizar do modo como desejaria, o que acontece, especialmente, pelas categorias de preenchimento do perfil.

Acerca desse ponto, o sujeito-usuário, como definido anteriormente, ao se registrar na mídia social digital, pode, em função do modo como é interpelado pela ideologia, “selecionar” como gostaria de se descrever no aplicativo, colocando ou não fotografias, escolhendo quais seriam essas fotografias, inserindo informações relativas ao seu corpo etc. Na seção anterior, em que nos debruçamos sobre esta questão, observamos que, para o funcionamento do discurso em análise, evidenciado na segunda seção do artigo, era preciso analisar uma outra discursividade, que não era a da estruturação do *feed* no *Grindr*: os modos de formulação do perfil do sujeito-usuário. Em nossa leitura, compreendemos que essa discursividade outra, com funcionamento próprio, produz-se como o que designamos de *corpus* transverso, isto é, um *corpus* que, constituído entre as contradições dos *corpora* empírico e discursivo, sustenta o funcionamento do *corpus* discursivo da pesquisa em Análise do Discurso. Esse funcionamento, em termos de análise, pode auxiliar o(a) analista de discurso a compreender o modo como outras discursividades, que não as das sequências discursivas do *corpus* discursivo, podem contribuir para o gesto de interpretação das SDs que compõem esse *corpus*. Já, na relação desses *corpora* - transverso e discursivo - com o arquivo, funciona a contradição entre a dispersão e a regularidade, a qual aponta para efeitos de leitura que se dividem entre o absurdo e a evidência.

Como efeito de fechamento, retomamos nossa questão norteadora das análises: o acesso do sujeito-usuário ao *Grindr* é sustentado por um *corpus* transverso? Se sim, como funciona esse *corpus*? Como demonstramos nos parágrafos precedentes e, ao longo das análises, entendemos que a resposta é sim, sendo que o *corpus* transverso funciona sustentando, atravessando e controlando os movimentos do sujeito-usuário no aplicativo e, ao mesmo tempo, produzindo nesse sujeito, enquanto evidência, a ilusão de liberdade e controle de seus percursos.

REFERÊNCIAS

BASTOS, G. G. **Os sujeitos-gays nas tramas da(s) rede(s):** o discurso sobre os aplicativos de relacionamento. 2018. 329 f. Tese (Doutorado em Ciências) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/59/59142/tde-25082018-224849/publico/gustavograndinibastosversaocorrigida.pdf>. Acesso em: 1 jun. 2022.

COSTA CARNEIRO, T. C. da. **Vender-se(r) no Grindr**: efeitos da inscrição do sujeito no discurso da mercantilização do corpo masculino. 2023. 180 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2023. Disponível em:

<https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/49309>. Acesso em: 15 mar. 2023.

COURTINE, J-J. (1981). **Análise do discurso político**: o discurso comunista endereçados aos cristãos. Tradução de Cristina de Campos Velho Birck, Didier Martin, Maria Lúcia Meregalli, Maria Regina Borges Osório, Sandra Dias Loguércio e Vincent Leclercq. São Carlos: EdUFSCar, 2014.

COURTINE, J-J. Definição de orientações teóricas e construção de procedimentos em Análise do Discurso. Tradução de Flávia Clemente de Souza e Márcio Lázaro Almeida da Silva. **Policromias**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 14-35, jan./jul. 2016. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/policromias/article/view/4090/3058>. Acesso em: 29 mar. 2023.

COURTINE, J-J.; MARANDIN, J-M. (1980). Que objeto para a Análise de Discurso? Tradução de Maria Onice Payer. In: CONEIN, Bernard *et al.* (orgs.). **Materialidades Discursivas**. Campinas: Editora da UNICAMP, 2016. p. 33-54.

GRIGOLETTO, E. O discurso nos Ambientes Virtuais de Aprendizagem: entre a interação e a interlocução. In: GRIGOLETTO, E.; DE NARDI, F. S.; SCHONS, C. R. (orgs.). **Discurso em Rede**: práticas de (re)produção, movimentos de resistência e constituição de subjetividades no ciberespaço. Recife: Editora Universitária, 2011. p. 47-78.

GRIGOLETTO, E. Entre a dispersão e o controle: ler os arquivos da internet hoje. In: FLORES, G. G. B. *et al.* (orgs.). **Análise de Discurso em rede**: Cultura e Mídia. v. 3. Campinas: Pontes Editores, 2017. p. 145-169.

GUILHAUMOU, J.; MALDIDIER, D.; ROBIN, R. (1994). **Discurso e arquivo**: experimentações em Análise do Discurso. Tradução de Carolina P. Fedatto e Paula Chiaretti. Campinas: Editora da UNICAMP, 2016.

KRAMER WANDERLEY, R. de K. **Da inspiração à interpelação**: o discurso fitness no Instagram. Recife. 272 f. Tese (Doutorado em Letras) – Programas de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/39008/1/TESE%20Rita%20de%20K%20a%20Issia%20Kramer%20Wanderley.pdf>. Acesso em: 1 jun. 2022.

LÉON, J.; PÊCHEUX, M. (1982). Análise sintática e paráfrase discursiva. Tradução de Cláudia Pfeiffer. In: ORLANDI, E. P. (org.). **Análise de Discurso**: Michel Pêcheux. 4. ed. Campinas: Pontes Editores, 2015. p. 163-173.

ORLANDI, E. (1988). **Discurso e leitura**. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

ORLANDI, E. (2002). **Língua e conhecimento linguístico**: para uma história das ideias no Brasil. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2013.

PÊCHEUX, M. (1975). **Semântica e Discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. 5. ed. Tradução de Eni Puccinelli Orlandi, Lourenço Chacon Jurado Filho, Manoel Gonçalves Corrêa e Silvana Mabel Serrani. Campinas: Pontes Editores, 2014a.



PÊCHEUX, M. (1982). Ler o arquivo hoje. Tradução de Maria das Graças Lopes Morin do Amaral. In: ORLANDI, E. (org.). **Gestos de Leitura: da história no discurso**. Campinas: Editora da UNICAMP, 2014b. p. 57-67.

PÊCHEUX, M. (1983). **O discurso: estrutura ou acontecimento**. 7. ed. Tradução de Eni Puccinelli Orlandi. Campinas: Pontes Editores, 2015a.

PÊCHEUX, M. (1978). As massas populares são um objeto inanimado? Tradução de Suzy Lagazzi. In: ORLANDI, E. P (org.). **Análise de Discurso: Michel Pêcheux**. 4. ed. Campinas: Pontes Editores, 2015b. p. 251-273.

PÊCHEUX, M. (1980). Abertura do Colóquio. Tradução de Débora Massmann. In: CONEIN, Bernard; *et al.* (orgs.). **Materialidades Discursivas**. Campinas: Editora da UNICAMP, 2016. p. 23-32.

ROMÃO, L. M. S. O fora da rede: (co-mando de) arquivos no arquivo. In: MARIANI, B.; MEDEIROS, V.; DELA-SILVA, S (orgs.). **Discurso, arquivo e ...**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2011. p. 141-149.

Recebido em: março de 2023.

Aprovado em: maio de 2023.

Como citar este trabalho:

GRIGOLETTO, E.; CARNEIRO, T., C. da C. Os efeitos do *corpus* transversal no funcionamento do *Grindr*. **Traços de Linguagem**, v. 7, n. 1, p. 96-112, 2023.
